

O NÃO-LUGAR E AS PAISAGENS DO MEDO: NUANCES TOPOFÓBICAS[♦]

THE NON-PLACE AND LANDSCAPES OF FEAR: TOPOPHOBIC NUANCES

Rahyan de Carvalho Alves.

Geógrafo, Mestrando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG (BRASIL).

rahyncarvalho@yahoo.com.br

José Antônio Souza de Deus.

Professor Dr. Associado e Pesquisador do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG (BRASIL).

jantoniosdeus@uol.com.br

RESUMO

A cidade é sempre lembrada quando falamos em lugar e paisagens. Isto deriva da forma e representação social de habitação e ordenamento que nela visualizamos. Representando a aspiração do homem em relação a uma ordem funcional que tende a se formatar nesse cenário, tanto em termos de sua estrutura arquitetônica, como em termos dos espaços de lazer aí localizados, que podem promover laços sociais decorrentes dos contatos/inter-relacionamentos da coletividade humana, e alguns lugares, com suas paisagens, transmitem conforto, prazer e saudade. Enquanto outros causam medo, angústias, sensação de vazio... A vivência destes sentimentos diferenciados é mais nítida no meio urbano que no meio rural, talvez pela grande diversidade de elementos sociais que condicionam, aí, nuances de intensidade dos contatos do sujeito com o outro, incluindo-se nesse conjunto de elementos os componentes sociais e suas interações e desdobramentos culturais. Assim, o objetivo deste trabalho corresponde à tentativa de analisar os sentimentos de topofobia vivenciados pelos indivíduos no meio urbano. A metodologia utilizada se baseou na revisão e no retrabalhamento bibliográfico.

Palavras-chave: Homem, Lugar, Paisagem, Topofilia, Topofobia.

ABSTRACT

The city always comes to mind when we speak of place and landscapes, and this stems from the shape and social representation of housing and planning that we envision, representing the aspiration of man in relation to a functional order that tends to frame this scenario, in terms of its architectural structure, as well as leisure facilities that can promote social bonds arising from personal contacts / interrelationships of human collectivity. Some places, with its landscapes, convey comfort, pleasure and longing, while others cause fear, anxiety, feeling of emptiness... And the experience of these differentiated feelings in urban areas is sharper than in rural areas, perhaps for the wide variety of social elements that condition nuances of subject contact intensity with

[♦] Essa pesquisa introduz discussões envolvidas na elaboração, em andamento, da dissertação de Mestrado, junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – 2012/2014).

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 4, n.1, p 70 - 82. Janeiro/Junho. 2014.

others, including in this set of elements of social components, their interactions and cultural developments. This work aims to analyze the topophobia feelings experienced by individuals in urban environments. The methodology used was based on bibliographic review and reworking.

Key-words: Man, Place, Landscape, Topophilia, Topophobia.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com a categoria conceitual geográfica paisagem é um risco, uma vez que a pluralidade de abordagens a respeito é imensa. Este termo, aplicado à pintura, à história da arte, aos estudos do cinema, à literatura, ao turismo, dentre tantos outros, provoca um turbilhão de dilemas e discussões de seus polêmicos temas, sendo a paisagem, por vezes, compreendida como um elemento natural, ou eventualmente, atribuindo-se a ela significado simbólico, decodificando olhares, percepções, ações e movimentos em forma de uma metáfora.

É uma categoria que passou, e passa, por diversas reflexões, pois é um retrato natural e, ao mesmo tempo, humanizado de tudo aquilo que se sente, se faz e se percebe no espaço (VIEIRA, 2006). O que nos oferece a oportunidade de debater concepções modernas a respeito desta categoria de análise, apreciando-as no contexto de suas relações de interesses sociais.

A paisagem sempre esteve presente na vida do homem desde a literatura universal, conforme Naveh & Lerberman (*apud* Guimarães, 2002), a propósito, destaca. Figurando até no bíblico *Livro dos Salmos (Salmo 48)*, onde se relaciona às palavras hebraicas “*noff*” (paisagem) e “*yafa*” (beleza), visando à descrição da beleza cênica de Jerusalém, com suas construções, belos jardins, grandes palácios e templos.

A idéia de paisagem esteve presente também na pré-história com as grafias e figuras (rupestres) destacadas em rochas, grutas e cavernas; bem como no pensamento do ser, pela imagem da modelação dos recursos naturais a partir do (re)desenhar de um meandro; e, atualmente, pelas grafias desenhadas nas singelas e grandiosas construções arquitetônicas que percebemos na sociedade urbano-industrial (MAXIMIANO, 2004).

A paisagem como um retrato de nossas vidas construídas no cotidiano, nos remete a refletir, por sua vez, sobre o lugar. Visto que aí se coloca como palco de existência, e é através do lugar que percebemos a paisagem como parte integrante de um ambiente, onde experimentamos o espaço com todos os sentidos que possuímos. Construindo a cada dia a nossa experiência de vida, tornando o lugar e a paisagem um referencial emotivo-espacial, que se transforma em um “[...] arquivo de lembranças, de

realizações que inspiram o presente [...]” (TUAN, 1983, p.171). Significando mais que um lugar com marcas de vida, pois retrata um “[...] tipo de experiência de envolvimento do homem com o mundo [...]” (RELPH, 1979, p.19). Mundo este que é desenhado na paisagem, construindo-se aí, gradativamente, laços de pertencimento, afetividade do sujeito com o ambiente, que pode ser descrito como um sentimento de topofília (TUAN, 1983).

É evidente que ao relacionarmos a paisagem e o lugar às nossas percepções, sobre o Outro e a nossa vida, se revelam de diferentes maneiras. Alguns lugares, por exemplo, transmitem lembranças de um passado que conforta e transmite tranquilidade e estabilidade psíquica. Mas, contraditoriamente, também percebemos atualmente a presença, cada vez mais visível, de outras que causam medo, angústias, sensação de vazio, dentre outras sensações.

Esta última percepção tem ganhado visibilidade no meio urbano. Talvez pela diversidade de elementos sociais, dos valores e laços sociais que estão se tornando fluídos, condicionando, em certa medida, a redução da intensidade dos contatos do sujeito com o Outro. Recaindo aí uma sensação de medo, aversão do sujeito com o lugar e com a paisagem.

Assim, o objetivo deste trabalho corresponde à tentativa de analisar os sentimentos de topofobia vivenciados pelos homens. A metodologia utilizada se baseou em revisão e retrabalhamento/reelaboração bibliográficos sobre os conceitos e temas em pauta, problematizando-os.

Paisagens do medo e o não-lugar: sentimentos topofóbicos

Quando falamos em paisagem, a cidade é correntemente lembrada. E isto deriva da representação de habitação e ordenamento social que percebemos nela, representando a “[...] maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais... e sua função primeira e essencial foi ser um símbolo vivo da ordem cósmica [...]” (TUAN, 2005, p.231).

É evidente que ao relacionarmos a paisagem com o espaço urbano as nossas percepções sobre o Outro e o ambiente socialmente construído tendem ser múltiplas e difusas. Tuan (2005) destaca que certas paisagens, principalmente as urbanas,

transmitem uma sensação de alívio, prazer, mas outras causam nostalgia, aflição, angústias.

Estes sentimentos diversos são assim percebidos pela grande complexidade de elementos sociais que circundam a nossa vida e, dificultam, em certa medida, a construção dos diálogos, a permanência das relações de amizade. Com isso, diminuem a intensidade das ligações do sujeito com o Outro, fragilizando a experiência do homem com o Mundo pelo distanciamento que realizamos deste Outro, dificultando o conhecimento/contatos interpessoais.

Neste momento, vale ressaltar as idéias explicitadas no trabalho de Edward Hall, denominado: *A dimensão oculta* (1981), no qual o autor destaca que as distâncias entre os homens afetam os modos pelos quais as pessoas se relacionam e percebem o lugar. Segundo o autor, quando estamos numa distância íntima (de aproximadamente 15 a 45 cm), a presença da outra pessoa é inconfundível, a distância é praticamente nula, os corpos se fundem, a visão é fragmentada e o outro é percebido de forma clara, muitas vezes deformada do real.

Já na distância pessoal (cerca de 50 a 120 cm), as pessoas se veem claramente, permitindo a discussão de assuntos de seus interesses. Na distância social (entre 120 a 350 cm) estabelecem-se os negócios impessoais e os discursos formais. E na distância pública (em volta de 350 a 750 cm) as pessoas se situam fora do círculo de envolvimento umas das outras. Ou seja, a proximidade do contato propicia uma vinculação afetiva que deixa marcas no homem. Então deixar-se distanciar é dificultar os contatos socioafetivos, e este distanciamento, infelizmente, se torna muito comum no nosso cotidiano.

A distância que temos do Outro promove um sentimento de vazio, solidão, sensação de estarmos construindo um mundo que não é compartilhado através do contato com o próximo. E isso se deve, em certa medida, ao convívio social formatado na vida pós-moderna, na busca de um “*status*” social para o homem ser aceito (ou não ser tão excluído) em uma sociedade, promovendo a condição de mutabilidade das certezas do sujeito. Maximizada, dentre outros fatores, pela desvalorização do convívio que, por sua vez, dificulta a promoção, no espaço urbano, de uma construção social coletiva.

Nesse contexto, os laços sociais, a memória afetiva, as relações amorosas parecem, aliás, cada vez mais incertos e fugazes. Constituindo assim, o retrato de uma sociedade em que ocorre a liquefação dos valores e onde se empobrecem as relações

interpessoais (BAUMAN, 2008), reduzindo-se, significativamente, as experiências de interação e convívio e, hipoteticamente, se formatando lugares em não-lugares (RELPH, 1979; AUGÉ, 2007). Em um mundo que está sendo desprovido de valores permanentes, dificulta-se a construção da identidade e interação social entre os homens.

O desencontro entre o homem e o Outro dificulta a ligação do sujeito com o lugar e a construção de sua vida expressa na paisagem. Proporcionando, neste caso, as paisagens das incertezas de um mundo que é, a todo o momento, “bombardeado” pelo individualismo e pela falta de contato. Promovendo a criação de paisagens do medo e de não-lugares, visíveis para o homem em diferentes formas. Seja uma rua, uma praça, uma loja, certo bairro, dentre outros, todos podem representar um ambiente que causa aversão, pois a pessoa não se reconhece ali e não percebe a vida socialmente compartilhada (TUAN, 2005).

Prestemos atenção para o medo na representação do homem sobre a paisagem urbana. Este sentimento vai além das notícias da violência e conflitos que presenciamos nas ruas, nos telejornais; ou das catástrofes sociais e naturais. Ele chega a ser desesperador pelos ruídos, o barulho do trânsito, dentre outros. E as nossas casas, sobretudo nas metrópoles, com as grades em janelas, interfones nas portarias, filmadoras em prédios, transformaram o nosso próprio lar em verdadeiro presídio.

Cada vez mais, percebemos essas paisagens como um elemento de aversão social, onde Tuan (2005) destaca sendo as paisagens do medo, que se contrapõem ao sentimento de topofilia (TUAN, 1983). Medo este que está envolvido nos sentimentos agregados em nuances desenvolvidos pelos elementos cognitivos e aos estados sociais do ser humano em conflito existencial, e sendo assim, estas “[...] paisagens do medo são reais e/ou psicológicas [...]” (TUAN, 2005, p.232).

Nesse contexto, os “[...] valores topofílicos são muito mais numerosos ou mais fáceis de serem identificados do que os topofóbicos [...]” (AMORIM FILHO, 1999, p.147), seja pelo medo do Outro expressar a sua insegurança, seja pela vivência de que, hoje, as pessoas estejam comprando a sua segurança, felicidade, harmonia. Orquestradas pelo código simulacral pelo qual estamos pressionados e que é proveniente do mercado de consumo desta sociedade em que a identidade e o sentido de ser no mundo estão cada vez mais difíceis de serem vividos (NERY, 2009).

Do conceito de topofobia deriva e decorre o sentido de topocídio (TUAN, 1983), ou seja, a morte, aniquilamento deliberado de lugares. Amorim Filho (1999), estranha que se tenha demorado tanto para se chegar à elaboração de tal conceito, pois, para ele,

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 4, n.1, p 70 - 82. Janeiro/Junho. 2014.

“[...] há muito se causam danos aos lugares, às paisagens, aos espaços vividos e às porções significativas da natureza [...]” (p.144).

Podemos dizer que a paisagem e o lugar se fundem na tentativa de uma afirmação do homem no espaço como uma representação social que proporciona, em seu significado simbólico, lembrar momentos de conotações positivas ou negativas, que ficam gravados como elementos cruciais para seu equilíbrio emocional. Sendo uma relação memorial de enfoque urbano, arquitetônico, tal representação se firma na memória na forma de lembranças plurais realizadas por vários agentes. Santos (1997a) analisa a memória do lugar quando o homem constrói paisagens destacando-o como protagonista no seu lugar, e não como ator-coadjuvante em seu próprio espaço-vivido.

Paisagem, lugar e topofilia: o homem no espaço vivido

Quantas vezes ao sairmos às ruas, ao realizarmos nossas tarefas diárias, não observamos a dinâmica de uma cidade e ficamos apaixonados ou perplexos com os grandes prédios, as avenidas iluminadas, os parques e igrejas, os arranjos de jardinagem, os “*outdoors*”; as casas antigas contrastando com as novas construções; as agitações em lojas, bares, restaurantes; as segregações e exclusões sociais que visualizamos em diferentes espaços.

E nas cidades do interior, quem nunca se flagrou observando aquela pequena casa, toda charmosa, com a janela aberta para a rua onde surgem pessoas que parecem apreciar o que se passa lá fora, observando, por exemplo, os homens sentados no banco da praça conversando sobre o seu dia, jogando dama e rindo dos “causos” da vida. E, “*oxalá*”, ao lado, perto de uma árvore frondosa, crianças andando de bicicleta, ao redor do coreto, esperando suas mães saírem da igreja, num dia de domingo. Enfim, os fantásticos desenhos das paisagens que construímos em nosso cotidiano.

Ao observamos tanta diversidade nas construções das paisagens, inquietações desafiam nosso pensamento ao indagarmos: “por que há tanta diversidade de paisagens... tantas formas diferentes inseridas num ‘mesmo’ espaço (?)”; ou “por que as paisagens não são todas similares ou padronizadas no espaço (?)”; e ainda: “por que não percebemos da mesma maneira os monumentos, os edifícios, as ruas?”.

As paisagens se mostram como unas e únicas para cada sujeito, mas a verdade é que elas, de fato, não têm formas pré-estabelecidas, não são materiais concretos, de significados definidos. A grande questão é o sujeito que se apresenta para a paisagem

com as suas idéias e lembranças, e como a relação estabelecida com a paisagem desenha, em sua mente, um mundo de múltiplas significações.

A diversidade da paisagem está na capacidade de interpretação e de memória, em uma inclusão histórica que o sujeito faz ao perceber o que ele construiu ou o que a dinâmica social externa realizou, fazendo este sujeito parte de um grupo (ou coletivo), na sociedade. Mas sempre atrelado/vinculado aos sentidos de sua percepção, e permanentemente, processando diferenciações qualitativas em seu lugar (CARVALHO, 2011).

Pelas paisagens podemos entender que “[...] as geografias vividas dependem do gosto e dos sentidos e variam em função da mobilidade e das forças de quem as vivenciam [...]” (CLAVAL, 2001, p.62). Sendo necessária a sua análise para entendermos a dinâmica social que construímos ou da qual participamos na contemporaneidade, pois ela é especial para cada ser e se exhibe de forma conscienciosa para o homem (CARLOS, 2008).

As paisagens apresentam diversas formas e significados, pois cada sujeito impregna nela a sua história, o seu desenho, a sua lembrança. Esta diversidade de interpretações que a paisagem propicia, transporta o universo do homem a um sentido transcendental, que o leva a relembrar a sua vida, numa forma de comunicação simbólica que explica e representa o desenvolvimento deste com os sentimentos de pertencimento (CLAVAL, 2007).

Pois, “[...] quem nunca passou em uma rua e ao olhar a paisagem lembrou cenas, frases, risos e ou choros de uma vida partilhada?. Quem nunca se flagrou com o peito apertado ao ver um lugar em que viveu cotidianamente sendo remodelada e assumindo uma nova reformulação paisagística (?)” (ALVES; DEUS; NOGUEIRA, 2012, p.03); retrato de uma vida humana que é a paisagem “[...] direta ou indireta, e ao ser interpretado, estará sendo a partir da ótica daquele que a observa, portanto, impregnada de sentimento e de cultura [...]” (RIBEIRO, 2010, p.4113) que o próprio sujeito elaborou.

As paisagens, inquestionavelmente, dizem muito de nós, dos nossos hábitos, da nossa vida coletiva, entrelaçados em lembranças, pois como Corrêa & Rosendahl (2007, p.17) salientam: “[...] elas são tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas e estão cheias de significados... e a recuperação destes significados, em nossas paisagens, nos diz muito sobre nós [...]”.

Reiterando a sua importância, faz-se necessária, aqui, a reprodução da fala de Gomes (2001, p.121) na qual o autor afirma que a “[...] paisagem é uma autobiografia coletiva e inconsciente que reflete gostos, valores, aspirações, medos, que aos poucos acarretam a decodificação dos sentimentos imbuídos pelas sociedades ao espaço [...]”: uma forma de voltar ao passado, estando no presente.

A *semiologia*¹ que a paisagem fornece transmite ao cidadão a moldura das ações realizadas por gerações passadas. Ela exprime emoções do sujeito, elemento da sociedade onde vive, renovando e (re)descobrimdo o seu lugar. Sendo construída como testemunha de uma nova leitura espaço-temporal, rica e necessária, como marco de um “desenvolvimento” que muitas vezes relaciona-se com a continuidade da vida social, aliada à relação de pertencimento ao lugar. Por isso a paisagem é tão presente em nossas vidas.

A cultura exposta nas paisagens se completa com a intencionalidade do sujeito que a vê, pois o significado a elas atribuído depende da organização afetiva da pessoa, numa ação de resgate que ajuda a perpetuação da vida. Neste sentido, Cosgrove (1995, p.42, tradução nossa) destaca que a paisagem está densamente ligada à *cultura*², à representação de discursos e de pensamentos. Assim, ela “[...] aparece como um lugar simbólico. É agora a maneira de ver, compor e harmonizar o mundo que a torna importante [...]”.

A construção da história de um indivíduo é própria de uma paisagem que comporta “[...] significados a partir de um conjunto material e imaterial que proporcione sensibilidade ao homem... reforçando a história coletiva do sujeito e sua identificação com seu lugar e, logo com o território, a partir de suas sensações e racionalidades [...]” (CLAVAL, 2002, p.28), relacionada no tempo acumulativo e no poder de renovação constante.

É importante compreendermos que a renovação da paisagem aqui abordada não implica somente na relação material realizada, continuamente transformada. Mas também abarca seu significado imaterial, que proporciona revigorar uma sensação que

¹ A Semiologia aqui abordada é no sentido da decodificação dos signos, no cosmo de sentimentos inseridos em um contexto que dialoga com o sujeito, a paisagem e o lugar, sendo referenciados em um momento histórico e marcados como símbolo na memória. Pois, subtende-se que o sujeito já experienciou algo em sua vida. E como Tuan (1983) destaca, experienciar é uma forma, ou tentativa, de aprender a viver.

² A cultura é o comportamento moral, afetivo, social, cultivado pela totalidade, sempre em construção, da experiência adquirida pelo homem; sendo abordada no trabalho como uma dimensão essencial para as estratégias de sustentabilidade social (DEUS, 2010).

implica em atitudes diárias, o resgate contínuo de “qualquer” história, até porque a vida é dinâmica e as ações a acompanha.

A paisagem remete a uma relação cognitiva que “orienta”, mas não determina as relações sociais. Os seus símbolos são referências que apontam, ativam e colaboram para o homem conhecer o mundo, promovendo a relação da imaginação e do funcionamento da memória, atrelados ao pensamento e à linguagem, em suas inúmeras manifestações, como mecanismos de comunicação pessoal e coletiva.

Sendo um retrato do passado que persiste estar presente como uma forma de ver o mundo em um caleidoscópio que é, ao mesmo tempo, funcional, em construções sociais e emocionais; e muitas vezes, promovendo emoções e ações disfuncionais, pela diversidade de olhares, sujeitos e perspectivas sociais de cada ator. Trata-se de uma metáfora que funde o espaço físico-natural, mental, social e de natureza antropomorfológica, “[...] representando o aspecto visível diretamente perceptível do espaço [...]” (DOLFUSS, 1973, p.13) para o homem, e do humano, para a construção de uma essência subjetiva.

Sentir esta relação material e imaterial da paisagem é um exercício quase que automático, pois qualquer estímulo, emitido pelos objetos do espaço, é um sinal dotado de alguma emoção. Logo as práticas sociais são fomentadas por sentimentos, tendo as paisagens, significados. Mas, para que isso ocorra, o indivíduo necessita estar bem consigo mesmo, conseguindo meditar sobre a sua existência e sobre todas as alegorias em seu entorno, tendo uma relação psicológica equilibrada com essa realidade que o envolve. E ele precisa ser sensível, dado que dificilmente entenderemos a paisagem se não compreendermos todos os sentidos emocionais que detemos.

A paisagem é um olhar, então ela é o encontro da interioridade de quem vê e a exterioridade do que é visto, em meio à corporeidade sensória. A paisagem pode ser tomada como a relação entre o espaço e a imagem. É o encontro entre elas. É a janela que comunica tais instâncias, uma forma sensível de perceber a vida [...] (VIEIRA, 2006, p.14).

Conceber, assim, a importância da paisagem é remeter-se ao significado do lugar, sendo que as paisagens proporcionam ao homem a sensação de sentir-se parte integrante de um ambiente que vivenciou de diversas formas e maneiras, e aonde aprendeu com todos os sentidos, densidades e experiências de vida. Trata-se de um processo de formação que reativa uma vida, pois promove uma sensação emotiva, se tornando “baú de lembranças” e foco de sentimentos topofilicos (TUAN, 1983).

Quando se estabelece a relação de topofilia, sendo permanente, aliás, a sua construção, o homem relaciona a natureza concreta de uma paisagem com as emoções vividas no seu lugar. Formando símbolos materiais e imateriais, as visíveis e aquelas mediadas pela emoção, torna-se o próprio homem um símbolo de sua natureza dado que para cada ser, a simbologia de um lugar, e de uma paisagem, é distinta.

O símbolo se firma como campo da visitação humana sendo “[...] um repositório de significados. Significados que emergem das experiências mais profundas que se acumularam [...]” (TUAN, 1980, p.168), sendo essenciais para a consolidação da sua maturidade. E ao longo das ações cotidianas, das formações dos laços de pertencimento e da experiência com o Outro que “[...] estaremos assimilando significados, imagens, símbolos, valores, elementos importantes para a construção do imaginário e do simbólico do ser humano [...]” (OLIVEIRA & SANGHI, 2010, p.36) traçando sentido as nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar se apresenta como o palco da (re)produção da vida do homem, expressa nas paisagens que representam seus feitos, realizando aí uma forma de exclamação que destaca o que este experimenta e experimentou no mundo ao atribuir significado a sua vida. Uma vez que ao construir suas paisagens o homem começa a compor sua identidade social, dando sentido àquilo que vê ou que faz (AMORIM FILHO, 1999; GOMES, 2001; CARLOS, 2007).

O lugar, como espaço íntimo, fornece bases para a identidade do homem através dos sentidos que ali se impregnaram. Todavia, a atual sociedade que construímos incentiva a produção de não-lugares, provenientes do receio constante de procurar, encontrar, sentir o Outro. Construindo, dessa forma, o ambiente entre-lugares com incertezas e medo. Neste processo, as paisagens do medo se firmam, posto que, sem o reconhecimento do homem, não conseguimos sentir a paisagem, deixando rasas as marcas de vida (RELPH, 1979; TUAN, 2005; AUGÉ, 2007).

Sendo assim, o não-lugar e as paisagens do medo se descortinam numa sociedade que construímos de forma provisória e cada vez mais descompromissada com o coletivo. Fruto da maneira que estabelecemos nossos laços sociais e relações intersubjetivas, sobre as quais devemos refletir reconhecendo a necessidade de realizarmos o encontro aberto com o Outro. Evitando, ademais, construirmos um mundo com sentidos vazios de significado e relevância.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia, topocídio em Minas Gerais. In.: DEL'RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental**. A experiência brasileira. São Carlos: EdUFSCAR, 1999, pp.139-152.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas: Papyrus, 2007.

ALVES, Rahyan de Carvalho; DEUS, José Antônio Souza de; NOGUEIRA, Marly. **Lugar & Paisagem** – topofilia e topofobia: algumas reflexões sobre o patrimônio histórico arquitetônico e urbanístico de Diamantina-MG. Disponível em: <<http://www.eng2012.org.br/trabalhos-completos?download=173:alves-deus-nogueira-artigo-completo-aceito-no-eng-2&start=2100>>. Acessado em: 10/10/2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **(Re) Produção do espaço urbano**. São Paulo: EdUSP, 2008.

CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira. Trabalho de campo em Geografia e a percepção ambiental. In.: CARDOSO, Antônio & SOUZA, Mário Ângelo de Meneses (Orgs.). **Indicações geográficas e temas em foco**. Teresina: EdUFPI, 2011, pp.101-113.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In.: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da Geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp.35-86.

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In.: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Saete (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: EdUFPR, 2002, pp.14-28.

_____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In.: CÔRREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução á Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, pp.147-166

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introdução a temática, os textos e uma agenda. In.: CÔRREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução á Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, pp.09-18.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: The University of Wisconsin Press. London, England. 1995.

DEUS, José Antônio Souza de. **Geografia cultural no Brasil: Etnogeografia**. Belo Horizonte: EdUFMG-EAD, 2010.

DOLFUSS, Olivier. **A análise geográfica**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Natureza e cultura – representações na paisagem. In.: CÔRREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp.118-132.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v.17, n.33, pp.117-141, jan./jun. 2002.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RA'E GA**, Curitiba, EdUFPR, n.8, pp.83-91, 2004.

NERY, Maria Clara Ramos. A história da civilização ocidental em três tempos. In.: BONI, Nelson (Org.). **Sociedade e contemporaneidade**. São Paulo: Know-how, 2009, pp.83-175.

OLIVEIRA, Jairo da Luz & SANGHI, Simone da Fonseca. **Fundamentos da vida social**. Canoas: EdULBRA, 2010.

RELPH, Edward Charles. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4. n.7, pp.01-25. 1979.

RIBEIRO, Rafael Winter. Os ídolos da paisagem: caminhos e descaminhos da relação entre paisagem e patrimônio. In.: I CONGRESSO BRASILEIRO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, São Paulo, 2010. **Anais...** São Paulo, pp.4108-4119, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997a.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983.

_____. Medo da Cidade. In.: _____ **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: EdUNESP, 2005, pp.231-275.

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar. **Fênix de história e estudos culturais**. São Paulo, v.3, n.3, pp.01-14, jul/set. 2006.

Recebido para publicação em 14/10/2013
Aceito para publicação em 25/03/2014